

FRANCISCO SOUSA FARIA DA SILVA

A CONSPIRAÇÃO
DE SANGUE

coolbooks

I

Tempos perigosos

Às quatro horas do dia 14 de maio de 1610, a cidade de Paris encontrava-se em grande alvoroço. O som dos sinos da catedral de Notre-Dame misturava-se com as vozes iradas da população. Todos se precipitavam para a Rua da Ferronnerie e, entre os gritos, destacava-se uma frase:

– Mataram o rei!

A rua, pouco maior do que uma viela, estava apinhada, e a guarda abria caminho ao mesmo tempo que encostava as lanças aos corpos irados da multidão. Um homem de estatura média, vestido de púrpura, foi agarrado e imobilizado de imediato. Os seus olhos assemelhavam-se aos de uma cobra, tão cerrados que se tornava impossível distinguir-lhes a cor. Nos seus lábios pairava um sorriso demente e as suas mãos estavam cobertas de sangue.

O coche real procurava uma brecha na multidão. No interior, o rei Henrique IV dava o seu último suspiro. Tinha sido apunhalado três vezes e, apesar de ter

resistido, a fúria do assassino fora mais forte. De nada valeu a ajuda dos seus dois conselheiros, o duque de Épernon e Hercule de Rohan, que viajavam consigo. Hercule de Rohan era o mais novo dos três e também se encontrava ferido. O duque de Épernon deu ordem ao cocheiro para regressar o mais rápido possível ao palácio do Louvre.

O som das badaladas descontroladas invadiu o palácio como um relâmpago que destrói uma árvore. Uma silhueta feminina surgiu na varanda de um dos quartos, da ala virada para o rio Sena, e caminhou até ao parapeito. Os cabelos negros eram longos e esvoaçavam ao vento, contrastando com o vermelho escuro que lhe cobria o corpo magro.

Era uma mulher de 35 anos, embora parecesse mais nova. Os olhos escuros brilhavam e duas linhas recortavam-se na face, à medida que as lágrimas viajavam pela pele. Chamava-se Maria de Médicis e era rainha de França.

– Calma, senhora – cortou uma voz feminina e angelical.

Maria respirou fundo e virou-se para a sua jovem aia, Cecille.

– Há sonhos que nunca mentem e não devem ser ignorados. – disse Maria de Médicis. – Por vezes revelam-nos o futuro. Vi-o morrer nos meus sonhos.

A jovem aia deu um passo em frente e amparou a queda da sua rainha. Cecille, vestida de seda azul, tinha o cabelo castanho apanhado em tranças que percorriam as linhas elegantes do corpo. Ainda não tinha

20 anos, e no seu olhar de menina pairava a inocência pura.

– O príncipe já sabe?

Cecille confirmou, acenando com a cabeça, e tentou explicar, de acordo com os rumores que já corriam no palácio, o que tinha acontecido. O coche real tinha saído há menos de meia hora. Seguiu pela Rua St. Honoré até à Rua da Ferronnerie, onde fora bloqueado por duas carroças. O assassino já tinha sido apanhado e enviado para a prisão de Châtelet.

– Quem deu essas ordens?

– O duque de Laval, minha senhora.

A rainha, ainda a recuperar do pequeno colapso, semicerrou os olhos. As coincidências eram demasiadas, e a balança pesava cada vez mais para a ideia de que aquilo não tinha sido um ato isolado de um louco.

Os corredores do palácio assemelhavam-se a uma trincheira barulhenta e claustrofóbica. O mais bizarro eram as cores dos trajes dos nobres, inapropriados para o recente acontecimento. Todos se precipitavam para os aposentos do rei.

O quarto estava escuro e a única luz entrava pelas frinchas das grandes cortinas corridas. O ar pesado obrigava os mais velhos a abandonar o espaço. Henrique IV estava deitado na sua cama, com um ar tão sereno que era difícil imaginar o que se passara há poucas horas.

Quando o príncipe entrou no quarto o burburinho diminuiu e todos os olhares se focaram naquela figura

escanzelada de metro e meio. O pequeno Luís, com 10 anos de idade, caminhou lentamente até ao leito do rei. Afastou os cabelos escuros e limpou os olhos. Hesitou um pouco antes de colocar a sua mão sobre o corpo frio do seu pai.

– O rei morreu! – gritou Luís, debruçando-se sobre a cama.

Ninguém sabia o que fazer, todos se entreolhavam indecisos e impacientes. Nesse momento, no meio de toda aquela confusão, surgiu um vulto negro. No peito, uma cruz, sobre as vestes vermelhas escuras e compridas.

O estranho personagem era Armand Richelieu, bispo de Luçon. Os seus olhos claros contrastavam com a sua tez pálida. Apesar de ter apenas 25 anos, o olhar desta figura revelou-se o conforto inesperado que todos ansiavam desde que o príncipe entrara naqueles aposentos.

A maior parte dos nobres suspirou de alívio, mas também houve olhares repreendedores e acusatórios. Principalmente de Hercule de Rohan e do duque de Épernon, que não largava a mão da sua espada. Estas duas figuras assemelhavam-se a dois corvos negros em busca da presa.

– O rei está vivo e à nossa frente – disse Richelieu, em alto e bom som.

Cecille percorreu todo o Louvre em busca de Richelieu. Por todo o palácio pairava um clima de nervosismo e todos pareciam correr de um lado para o outro



sem destino. A jovem foi dar com Richelieu na capela junto aos jardins. Quando os seus olhares se encontraram, o bispo pareceu ver um anjo descido à terra. Já não a via há três anos e estava ainda mais bonita desde a última vez que estivera com ela. Cecille estranhou as vestes escuras e compridas do seu antigo noivo.

– Cheguei hoje e já tudo parece estar a desmoronar-se. Estava a pedir para ter a minha vida de volta.

– O amor é uma ilusão – respondeu-lhe Cecille, mordendo o lábio inferior. – A maior ilusão de todas, Armand.

– Como gostava de ter ficado iludido para sempre.

Cecille corou e vieram-lhe à memória as mais variadas recordações da adolescência.

– O meu pai vai ficar contente por te ver.

– Ainda moram na mesma casa, por cima da escola de esgrima?

Cecille confirmou.

– A escola de esgrima é a vida dele. Infelizmente está cada vez mais afastado da corte. Há certas pessoas que apelidam as suas ideias de radicais, dizendo que são uma má influência para os alunos.

– Bem sei.

– É por isso que a rainha precisa de ti.

Richelieu arregalou os olhos. Até há bem pouco tempo não passava de um simples aluno do senhor de Essarts. Mas há três anos, devido à morte do seu pai em batalha, fora obrigado a ingressar na vida religiosa para salvar a família da ruína. O que queria a mulher mais poderosa de França de um simples bispo?

A jovem guiou Richelieu pelos jardins do palácio até junto de uma estátua de um nu feminino com asas. A imponente figura revelou-se muito mais do que um objeto de arte decorativa quando a aia abriu uma porta secreta na base de mármore.

Cecille sorriu e perguntou-lhe:

– Sabes guardar um segredo?